



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

RAYANE PEREIRA LIMA

**Veze voz: Uma perspectiva de criação artística em dança a partir do Coletivo  
Cara**

Maceió  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

RAYANE PEREIRA LIMA

**VeZ e voz: Uma perspectiva de criação artística em dança a partir do Coletivo  
Cara**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Joana Pinto Wildhagen

Maceió  
2023

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Setorial do Espaço Cultural**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Valdir Batista Pinto – CRB - 4 - 1588

L732v Lima, Rayane Pereira.

Veze e voz: uma perspectiva de criação artística em dança a partir do coletivo cara / Rayane Pereira Lima – 2023.

41 f. :il.

Orientador: Joana Pinto Wildhagen.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Dança) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes Maceió.

Bibliografia: f. 38 - 40

1.Arte do movimento . 2. Dança . 3. Feminismo. I. Título.

CDU: 793.3



**Universidade Federal de Alagoas**  
**Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes**  
**Curso de Licenciatura em Dança**

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

Aos 17 dias do mês de outubro do ano de 2023, às 10 horas, realizou-se, em plataforma de webconferência, a sessão de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado **Vez e voz: Uma perspectiva de criação artística em dança a partir do Coletivo Cara**, do(a) aluno(a) Rayane Pereira Lima, do Curso de Dança/Licenciatura como parte dos requisitos para conclusão do Curso. A Banca composta por:

Profa Dra Ana Clara Santos Oliveira – Membro Interno

Prof Me Maciel Ferreira de Lima – Membro Externo

Profa Dra Joana Pinto Wildhagen – Orientadora

Após argüir o(a) aluno(a) deliberou-se: Aprovar o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, atribuindo-lhe nota 10.

Assinatura dos componentes da Banca:



Documento assinado digitalmente  
**ANA CLARA SANTOS OLIVEIRA**  
Data: 17/10/2023 11:54:06-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Membro Interno**



Documento assinado digitalmente  
**MACIEL FERREIRA DE LIMA**  
Data: 17/10/2023 20:26:40-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Membro Externo**



Documento assinado digitalmente  
**JOANA PINTO WILDHAGEN**  
Data: 17/10/2023 11:22:03-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Orientadora**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradecer à mainha, exemplo de mulher arretada, sertaneja, por todo empenho, coragem e determinação em sempre me proporcionar o melhor a partir do que estava ao seu alcance. À sua força e valentia em enfrentar a vida, assim como a sua alegria e o seu amor que me inspiram a ser a mulher que sou! Gratidão por sempre apoiar as minhas escolhas e acreditar em mim até mesmo quando nem eu acreditei. Eu te amo eternamente.

Agradecer à Francisca por todo suporte desde a minha chegada em Maceió, o seu acolhimento e cuidado foram imprescindíveis naquela fase inicial em um novo estado. Às amizades pernambucanas, o meu sincero agradecimento, em especial a minha amiga de infância Gaby, obrigada por me encorajar para um rumo acadêmico.

Meus profundos agradecimentos ao Yan por ser refúgio quando em muitos momentos desacreditei de mim durante esse processo e aos meus amigos de Alagoas que se tornaram minha família alagoana, em especial o trio Sara Oliveira, Maciel Ferreira, Alessandra Sandes. A força, diálogo, afeto e generosidade de cada um de vocês foram e continuam sendo cruciais nessa jornada!

Meu agradecimento ao Coletivo Cara e às pessoas que se fizeram presentes nesse processo do Vez e Voz dando suporte, e por fim, quero agradecer à espiritualidade amiga por me guiar e amparar durante esse processo de escrita.

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo a partir do duo/solo do projeto Vez e Voz: criação a partir da dança e moda urbana pelo Coletivo Cara, trabalhados no Projeto de Iniciação Artística - PROINART, da Pró-Reitora de Extensão - PROEX, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. O formato corresponde a um relato de experiência, em que se abordam questões trabalhadas, tais como: violência contra a mulher e o feminismo enquanto valor político. Como metodologia, ampara-se no conceito de autoetnografia (FORTIN, 2009; DANTAS, 2016), trazendo à tona uma jornada de pesquisadora e ao mesmo tempo objeto de pesquisa. O trabalho parte de vivências ressignificadas e transformadas em dança, trazidas para a criação artística, com um olhar interseccional, utilizando-se de estratégias de denúncias sobre opressões voltadas para o corpo feminino.

Palavras-chave: autoetnografia; corpo feminino; dança; feminismo.

## **ABSTRACT**

This work aims to present a study based on the duo/solo of the Vez e Voz project: creation based on dance and urban fashion by Coletivo Cara, worked on in the Artistic Initiation Project - PROINART, of the Dean of Extension - PROEX, from the Federal University of Alagoas - UFAL. The format corresponds to an experience report, which addresses issues discussed, such as: violence against women and feminism as a political value. As a methodology, it is based on the concept of autoethnography (FORTIN, 2009; DANTAS, 2016), bringing to light a researcher's journey and at the same time an object of research. The work is based on experiences re-signified and transformed into dance, brought to artistic creation, with an intersectional perspective, using strategies to denounce oppressions aimed at the female body.

Keywords: autoethnography; Feminine body; dance; feminism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mostra Miguelense de Dança, 2014.....	18
Figura 2: Fórum Mestre Zumba, 2016.....	19
Figura 3: Apresentação do Urbanestinos na Mostra Alagoana de Dança, no município de Delmiro Gouveia -AL.....	20
Figura 4: Logo do projeto Vez e Voz, 2018.....	25
Figura 5: Cena 4 - Registro da descrição anterior da cena em coletivo na cadeira. 28	
Figura 6: Apresentação do Coletivo Cara na manifestação do ato #ELENÃO, ocorrido na orla da Jatiúca, Maceió - AL, no período das eleições presidenciais, em 29/09/2018.....	29
Figura 7: A caverna.....	30
Figura 8: Registro da escada em que foi realizado o duo contendo as agressões...33	
Figura 9: Registro do solo descrito anteriormente.....	36



## SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. “Pernambuco imortal, imortal...”: Patrimônio dançante Serratalhadense e os meus pontos de partida na dança.....	11
1.1 Ela só quer, só pensa em dançar: Do sertão do Pajeú com destino ao paraíso das águas.....	15
1.2 “Maceió, minha Sereia”: O Coletivo Cara e a relação entre Dança, Pesquisa e Movimento.....	17
1.2.1 PROINART e Coletivo Cara - Diálogo entre a Universidade e a Comunidade	22
1.2.2 Reverberações da Experiência no Vez e Voz.....	23
2. A Cara da Performance Vez e Voz.....	24
2.1 Processo criativo, práticas e metodologias para a construção de vez e voz.....	28
2.1.1 - Cena 10 - O processo de criação artística da cena com a cadeira.....	32
Considerações finais.....	37
Referências.....	39

## Introdução

Este trabalho é fruto de uma jornada de experiências, construções e reconstruções, individual e coletiva, a qual, a partir da perspectiva acadêmica, busca ser mais uma referência propagadora de conhecimentos, a fim de politizar corpos<sup>1</sup> desatentas a partir da dança. A sua contribuição para o mundo parte de um olhar voltado para a dança com desígnio de denúncia, destacando pautas mobilizadoras de manifestações pensando numa dança que movimenta o senso crítico, político e artístico. Em um formato de relato de experiência, reflete-se sobre questões voltadas para a violência contra a mulher, evidenciando o feminismo enquanto seu valor político.

Como metodologia, este trabalho é amparado pelo conceito de autoetnografia, discutido pela pesquisadora e professora do departamento de Dança da Universidade do Québec, a canadense Sylvie Fortin (2009), que tem uma linha de pesquisa voltada para etnografia pós-moderna. Fortin explica que “A autoetnografia (...) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si” (FORTIN, 2009. p. 83.).

A professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e pesquisadora da dança, Mônica Dantas, a qual tem um trabalho voltado para as contribuições da etnografia e autoetnografia para pesquisas em dança, destaca que:

Buscando reconhecer, questionar e interpretar as próprias estruturas e políticas do eu. Uma parte significativa dos artistas/pesquisadores procede a colheita de informações sobre sua própria trajetória e processo de criação, procedimento que se assemelha a uma colheita de dados autoetnográficos. Nesse caso, o pesquisador utiliza essas informações para produzir conhecimentos intrínsecos à prática artística (DANTAS, 2016. p.173 e 174).

Esses marcadores sociais foram trabalhados no duo/solo da performance Vez e Voz, do projeto intitulado Vez e Voz: criação a partir da dança e moda urbana pelo Coletivo Cara, aprovado em edital pelo Projeto de Iniciação Artística - PROINART, da Pró-Reitoria de Extensão - PROEX, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, elaborado pelo Coletivo Cara e coordenado pela Professora Doutora Joana

---

<sup>1</sup> Termo este que irei mencionar durante a minha escrita, colocado no feminino para me referir a mulheres. Assim como “corpus” oriundo de uma linguagem inclusiva para me referir a pessoas não binárias.

Wildhagen<sup>2</sup>, entre maio de 2018 e outubro de 2019. A performance elaborada durante esse projeto foi apresentada pela primeira vez em julho de 2019, no Espaço Cultural Universitário da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, parto da construção de minhas vivências individuais, construídas e ressignificadas para produção desse duo/solo usando-os como objeto de análise para elaboração de pedagogias, políticas e estratégias de denúncias utilizando como pano de fundo a dança.

É relevante destacar o meu processo individual de escrita e das minhas adversidades no decorrer da elaboração da pesquisa, levando em consideração alguns modelos de escritas e temáticas em que busquei trilhar inicialmente, como por exemplo, direcionar para o âmbito educacional. No entanto, ainda sentia que faltava sentido para o “eu” pesquisadora, para o “eu” pessoa. Foi quando tomei conhecimento da abordagem autoetnográfica e vislumbrei uma realidade mais palpável e coerente para a minha pesquisa, pois me coloco como pesquisadora e ao mesmo tempo como objeto de pesquisa.

À priori me permiti escrever livremente sem me preocupar com normas acadêmicas, trazendo todo o meu processo de experiência de escrita, na qual tudo se fundamentou com a ajuda do conceito autoetnográfico, partindo do exercício da reflexão e dando ênfase para a memória das vivências.

Contudo, de tanto falar de dança, a que me refiro? Quero me ater a uma perspectiva de dança como um ato artístico e político, me sustentando no pensamento de Marina Guzzo e Mary Spink (2015) ao afirmarem que:

A dança pode ser política a partir do movimento crítico que faz em relação à realidade, questionando ou propondo possibilidades de ação e transformação da maneira que existimos. A dança como forma de comunicação e discurso, e principalmente como arte, tem o papel de testemunhar e co-construir os sentidos da vida no presente. Ela é entendida, ao mesmo tempo, como uma forma e um espaço de reflexão sobre as condições e necessidades coletivas... (GUZZO & SPINK, 2015. p.9).

No que se refere a todo o conjunto da obra, nos mínimos detalhes, reconheço e afirmo que também se tratou de um espetáculo de dança, pois houve toda uma preocupação no que se refere a: cenário, figurino, entradas, saídas, sequências coreográficas, iluminação e ensaios. Irei, no entanto, me ater à nomenclatura

---

<sup>2</sup> Docente do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas - UFAL e orientadora desta pesquisa.

performance como uma forma de ser fiel aos processos e à maneira que todo o coletivo se referiu durante o decorrer do projeto que foi: performance do Vez e Voz. Então, em cima desse fato, me amparo no olhar de Renato Cohen (2002), que discorre sobre performance, afirmando que:

Tomando como ponto de estudo a expressão artística *performance*, como uma arte de fronteira, no seu contínuo movimento de ruptura com o que pode ser denominado "arte-estabelecida". A performance acaba penetrando por caminhos e situações antes não valorizadas como arte. Da mesma forma, acaba tocando nos tênues limites que separam vida e arte. (COHEN, 2002. p.38).

O feminismo neste trabalho se presentifica a partir do conceito de feminismo decolonial, trazido pela autora Françoise Vergès (2020), que abre uma discussão sobre essas problemáticas; a principal delas é o feminismo civilizatório que seria o feminismo branco, colonial, generalizado com pseudodiscursos de que “somos todas iguais” e que leva em conta acima de qualquer coisa a igualdade de gênero sem refletir que, por outro lado, reproduzem as mesmas opressões. Por isso, se faz necessário dialogar sobre a necessidade de se pensar em um feminismo decolonial, que leva em consideração o contexto individual que perpassa a jornada de cada mulher. Para a autora,

Foi pensando nessas mulheres, em suas lutas e em suas vidas, que propus um feminismo decolonial radicalmente antirracista, anticapitalista e anti-imperialista. Um feminismo a escuta dos combates das mulheres mais exploradas, das empregadas domésticas, das profissionais do sexo, das queer, das trans, das migrantes, das refugiadas e daquelas para quem o termo “mulher” designa uma posição social e política, não estritamente biológica. Um feminismo, não o feminismo, e, portanto, aberto a questionamentos, à possibilidade de rever suas análises, que não busca o reconhecimento das instituições, mas que se ancora nas lutas, com suas próprias perdas e alegrias. (VERGÈS, 2020, p. 20).

Unificadamente falando, as propostas já mencionadas serão abordadas posteriormente com intermédio da atuação do Coletivo Cara, durante o Projeto Vez e Voz, evidenciando o seu papel artista.

Daqui adiante, convoco você que irá ler este trabalho a mergulhar em um percurso nordestino com eixo Pernambuco / Alagoas, o qual decorrerá em um aprofundamento nas origens da minha trajetória com a dança, mas sem esquecer do

foco que é a pesquisa corporal a partir de uma corpa feminina, formação de conhecimento, redescoberta, profissionalização e possibilidades de saberes.

### **1. “Pernambuco imortal, imortal...”: Patrimônio dançante serra-talhadense e os meus pontos de partida na dança**

Iniciei na dança ainda na infância, de modo que não podia ouvir as batidas de qualquer som que já me movimentava. Outra forma de contato com a dança se deu assistindo a dançarinos de bandas de forró como Calcinha Preta e Limão com Mel. É importante ressaltar que Limão com Mel nasce em 1993 na cidade de Salgueiro - PE, município circunvizinho a Serra Talhada. É uma banda de forró que, na sua composição no ano de 2000, é assumida pelo cantor, compositor e produtor musical serra-talhadense Batista Lima. Em 2014, Batista se desliga da banda após 22 anos de jornada, para seguir carreira solo.

Outras bandas que influenciaram essas primeiras experiências com dança foi a banda Calypso da região norte, conhecida nacionalmente, que nos anos 2000 teve uma grande ascensão midiática, além de encher os olhos de quem assistia aqueles dançarinos com seus giros e energia corporal, estimularam aquela geração a querer dançar, reproduzindo aqueles movimentos de dança.

Como está enraizado na cultura nordestina, criei-me consumindo o que há de mais predominante em termos de gênero musical que é o Forró. Na adolescência, fui descobrindo um novo estilo de dança voltado para o universo da cultura Hip Hop, o que atualmente denominamos como Danças Urbanas. Devido a falta de referências presenciais nesta área no que diz respeito a aulas regulares ou qualquer tipo de movimentação acompanhada, passou a se estabelecer o aprendizado de maneira autodidata, em que eu mesmo tentava aprender fazendo o trabalho de visualização dos vídeos que continham coreografias através do aparato de multimídia Digital Vídeo Disc - DVD e na plataforma digital YouTube, desde 2009, vendo artistas norte americanas em ascendência como Beyoncé, Rihanna e Ciara.

Sou natural de Serra Talhada - PE, terra do polêmico Virgolino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, Rei do Cangaço. Serra é um município que de acordo com dados atualizados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021 estima-se aproximadamente uma população de 87.467 habitantes. Está localizada no

Sertão de Pernambuco ligada a municípios limítrofes como Calumbi - PE, Floresta - PE e Betânia- PE, além de fazer divisa com o estado da Paraíba, é conhecida como a capital do Xaxado. Fica a 415 km de Recife, capital pernambucana, sendo a segunda cidade mais importante do sertão do estado.

A manifestação de dança mais predominante na região é o Xaxado, dança típica criada por Lampião e seu bando. No artigo de Amanda Camylla (2012), a autora reflete sobre o Xaxado com foco na construção de identidade e memória social do cangaço, onde faz um trabalho partindo de análise das cenas do grupo serra-talhadense de xaxado Cabras de Lampião<sup>3</sup>, além da realização de entrevista com membros principais, destacando que:

O xaxado era uma dança de guerra e entretenimento criada pelo bando de Lampião nos anos vinte do século XX. Era uma dança exclusivamente masculina, já que na época de sua invenção não havia mulheres no cangaço: para os cangaceiros, o rifle era a dama. Dançava-se então em fila indiana, o chefe do grupo ou o poeta cantava os versos e os demais respondiam em coro - mais tarde foram acrescentados alguns instrumentos musicais como o pífano, a sanfona “pé de bode”, a zabumba, o triângulo e a harmônica de boca (gaita). As letras compunham-se de insultos aos inimigos, lamentos pelas mortes de companheiros ou enaltecimentos às aventuras e façanhas destes (SILVA,2012 p.1).

É imprescindível falar do Museu do Cangaço, um dos pontos turísticos do município e local de grande referência quando se trata de identidade da cultura local e acervo de objetos utilizados na era do cangaço, além de reunir toda a saga de Lampião. De acordo com o artista serra-talhadense Karl Marx, na sua publicação intitulada “Museu do Cangaço de Serra Talhada: Um caso de empreendedorismo cultural no sertão do Pajeú”, destaca-se que:

Criado em abril de 2000, o museu do cangaço de Serra Talhada tem no seu acervo documentos como bilhetes escritos por Lampião, uma biblioteca com livros raros, dissertações de mestrado, monografias, laudos médicos e raios X das cabeças dos cangaceiros (decepadas pela polícia), matérias de jornais, fotografias, documentários em DVDs, uma sala de estudo e uma loja de artesanato... Além do acervo para visitação o museu do cangaço conta com atividades artísticas e culturais. Sua ação é voltada às manifestações artísticas regionais (SOUZA, 2019. p.16).

---

<sup>3</sup> Grupo serra-talhadense, fundado em 1995, sendo o maior divulgador do xaxado, mantendo na dança a originalidade criada pelos cangaceiros da época de Lampião. O grupo já dançou em cerca de aproximadamente 500 cidades, fazendo participações em documentários, entrevistas, séries de TV e produtoras de diversos países como: Brasil, Inglaterra, Venezuela, Bélgica, França, Alemanha, Estados Unidos e até chegando a fazer apresentações em outro país como o México.

Este museu é, também, um ponto muito utilizado por instituições de ensino através de passeios escolares em grupo que visam o entendimento mais próximo com a identidade local em conjunto com a vida de Lampião, visitas turísticas e é também lugar onde, em grande maioria, acontecem os ensaios do grupo de Xaxado.

Até meados de 2015, quando residia no município, aconteciam movimentações como oficinas de outras manifestações de dança, como por exemplo, o frevo através do artista Gil Silva que tem um projeto chamado “sertão frevo”, ele propõe a disseminação da dança frevo no sertão de Pernambuco. Naquela época, apreciava bastante o Xaxado pela expressão de bravura, energia e coragem do cangaço, nunca despertei interesse em dançar, mas contemplava bastante as apresentações.

Outra ação vinculada ao museu e ao grupo de xaxado é o famoso espetáculo ao ar livre exibido anualmente na cidade, chamado “O massacre de Angico”<sup>4</sup>, com duração de duas horas de espetáculo, conta com a participação de aproximadamente 150 atores e figurantes, exibindo como se deu a morte de Lampião e seus feitos durante esse período. Nunca cheguei a sentir a energia de assistir pessoalmente, somente de modo virtual.

A cidade não contava com aulas regulares voltadas para a estética das Danças Urbanas, pois ainda ao residir na cidade sempre estive em busca desse ambiente, ressaltando que a ênfase de maior predomínio em cidades do interior em termos artísticos é o regional, e assim, seguia reproduzindo o que aprendia por conta própria. Até mesmo no meu âmbito escolar era escassa a atuação da dança, o que constantemente me indignava por sentir necessidade de eventos ou disciplinas que contemplassem a expressão da dança nas suas atividades. Saliento a importância da dança na escola e a sua relevância na formação do indivíduo.

De acordo com a professora e pesquisadora Isabel Marques (1997), é mais que pertinente a atuação do ensino da dança na escola, a fim de traçar diálogos interdisciplinares entre corpo, escola, arte e sociedade.

Poderíamos introduzir em nossas salas de aula momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças que apreciamos (ou não) e, assim, podermos agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade (MARQUES, 1997. p. 24).

---

<sup>4</sup> <https://youtu.be/DnJK-D2vBmE?si=txAfdHU1cOeUNyBD> Acesso em: 01/09/2023

O ensino da dança ainda na escola, se tivermos um olhar para além das “dancinhas de fim de ano”, é claramente um objeto de formação para o desenvolvimento não só corporal, mas também de senso crítico e de interligação com as demais áreas de estudo do âmbito escolar.

Retornando para a questão sobre a estética das Danças Urbanas, antes chamadas de Street Dance, termo este que surgiu da população afro-americana nas festas de quarteirão, são danças que alcançam seu auge na década de 1980, dentro da cultura Hip Hop, resultado de outros estilos de danças afro-americanas anteriores, da década de 1920, após processos de identificação, apropriação, incorporação e ressignificação da dança pelos seus praticantes.

Para contextualizar melhor as Danças Urbanas, é necessário falar sobre cultura Hip Hop, de onde essas danças surgem. Nascido em Nova York por volta dos anos 1960, o movimento é pautado em quatro elementos: DJs (Disc Jockey), MCs (Mestres de cerimônia), Breaking (Dança) e Grafite (Arte visual).

Com o grande índice de violência oriundas das gangues do Bronx, o DJ Afrika Bambaattaa<sup>5</sup> trouxe como proposta a junção dos quatro elementos que formam o que chamamos hoje de cultura Hip Hop, tais como: Grafite, MC, DJ e o Breaking. A ideia era que as gangs conseguissem resolver seus conflitos através da arte e dos outros elementos, gerando dessa maneira uma batalha não violenta.

Posteriormente foram surgindo outros estilos de danças dentro da cultura para além do Breaking, tais como: Locking, Popping, Waaking, House, Hip Hop Freestyle.

O Locking foi um dos estilos que inicialmente foram criados, originado por Dom Campbell<sup>6</sup> no fim dos anos 1960. “O dançarino conhecido como locker interage com o público sorrindo, apontando os dedos (point) e batendo palmas (claps).” (TORRES, 2015, p.14).

Posteriormente veio o Breaking, especificamente originário da região do Bronx em Nova York. Tem a sua movimentação bastante transitória entre os níveis: baixo, médio e alto, tendo suas bases de execuções tais como: top rock (movimentação ritmada que antecede os movimentos de chão), foot work (corresponde aos movimentos de nível baixo realizados com os pés e o apoio das mãos) e o freeze

---

<sup>5</sup> Dj, rapper, compositor e produtor americano do South Bronx, Nova York. Conhecido por influenciar o desenvolvimento da cultura hip-hop nos anos 80.

<sup>6</sup> Coreógrafo e dançarino americano, conhecido por criar a dança Locking.



(trata-se das poses acrobáticas como uma espécie de congelamento no decorrer da movimentação.) Todas essas execuções se dão de acordo com o ritmo da música.

O Popping teve as suas primícias no final dos anos 1970 com a progressão dos aparatos voltados para música e a inserção de batidas mais eletrônicas, o dançarino Boogaloo Sam<sup>7</sup>, foi uma referência no que diz respeito à iniciação dessa modalidade. A partir de uma movimentação rápida com contrações e relaxamento dos músculos vai gerando uma espécie de empurrão no corpo do indivíduo. No Popping, cada contração deve ser sincronizada com o tempo e as batidas da música.

Waaking e o House ambos surgiram também na década de 70, o que difere ambos é o fato do Waaking ter seus primórdios a partir dos clubs gays e possuir influência do jazz<sup>8</sup>, já o House não existe um único criador específico, sobre esta afirmação Torres (2015) explica que:

As pessoas dançavam cada uma do seu jeito, e assim os passos e improvisos foram criados a partir daquele novo estilo, um aprendia com o outro os novos passos que foram sendo incorporados ao estilo (TORRES,2015. p.16).

Com a amplificação das danças voltadas para cultura Hip Hop, o repertório de quem dançava seguia em crescente. A musicalidade avançou juntamente a dança, e foi quando se deu surgimento o Hip Hop Freestyle. Bebendo de outros estilos e danças, e com uma base em cima de improvisos, quem dança tem uma amplitude maior de criação.

### **1.1 Ela só quer, só pensa em dançar: Do sertão do Pajeú com destino ao paraíso das águas...**

Comecei a dançar efetivamente por volta de 2013/2014. Minhas primeiras aparições dançando aconteciam somente a partir de vídeos caseiros que costumava produzir como conteúdo para as redes sociais (Facebook e Instagram). O que me motivava a criar os vídeos era o fato de me sentir viva dançando, me sentir bem, gostar de colocar em prática as movimentações reproduzidas, mas também, como uma forma de ser vista pelas pessoas, na minha casa, por trás de uma tela.

---

<sup>7</sup> Sam Solomon, também conhecido como Boogaloo Sam, é um coreógrafo, dançarino e professor de dança de Fresno nos Estados Unidos.

<sup>8</sup> A Dança Jazz é uma forma de expressão criada e sustentada pelo improviso, apresentando uma descendência que pode ser traçada nas suas origens africanas.

A chegada para um caminho universitário foi se aproximando e não me identificava com as profissões escolhidas pelo senso comum ditas como “promissoras”, foi quando finalmente descobri que havia graduação em dança, através de uma cartilha dada pela minha mãe que era um guia de profissões. Só nesse momento que, superficialmente, pude entender em que área poderia atuar um profissional da dança e isso encheu meus olhos, pois finalmente poderia tornar daquilo uma profissão em meio aquela fase decisiva, em que havia de escolher um caminho a ser traçado, mas havia um obstáculo, só existiam cursos de graduações em dança nas capitais. E a partir daí deu-se início a um novo percurso: para onde irei?

Reconheço a cultura das minhas raízes e a sua grande riqueza cultural e artística, no entanto sentia a necessidade de adquirir vivências corporais na área que realmente me sentia realizada na dança, sobretudo nas Danças Urbanas, que era escassa no lugar onde me encontrava. Em contrapartida, para aprender sobre essa dança a solução era migrar para alguma capital.

Em 2015, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e graças ao Sistema de Seleção Unificada - SISU juntamente com o sistema de cotas por renda per capita e por ter estudado em escola pública, fui aprovada na Universidade Federal de Alagoas no curso de Licenciatura em Dança, mudando-me para a capital alagoana em 2016.

Mudar drasticamente de Estado, foi para mim bastante desafiador, pois além de lidar com um novo ambiente bem mais vasto que o de costume e com demandas cotidianas que antes não exigiam devido empenho, sozinha, precisei lidar também com o luto em função da morte do meu pai que coincidiu com a minha chegada em Maceió. Em contrapartida, pude conhecer pessoas que se tornaram minha família, estabelecendo laços, além de figuras dançantes, que hoje se tornaram para além de amigos, referências da dança.

## **1.2 “Maceió, minha Sereia”: O Coletivo Cara e a relação entre Dança, Pesquisa e Movimento**

Ao chegar em Maceió em junho de 2016, ingressando no curso de Licenciatura em Dança, passo a ter contato com o Coletivo Cara, na época o nome do grupo era

“Cara Crew”, por intermédio de Sara Oliveira<sup>9</sup>, colega da turma de dança e que na época já integrava o coletivo.

O grupo de dança ainda obtendo o nome de Cara Crew migra do interior para Maceió, dando prosseguimento às suas atividades, tendo como integrantes alunos da turma de Street Jazz da Jeane Rocha Academia de Dança<sup>10</sup>, do Curso de Licenciatura em Dança/UFAL, além de dançarinos locais convidados. O coletivo foi fundado por Fênix Zion<sup>11</sup> e atualmente conta com a direção e coreografia de Sara Oliveira, a mesma, é também mãe da House<sup>12</sup> of Muzi (casa pioneira em Alagoas pertencente à comunidade Ballroom<sup>13</sup>).

A transição de grupo para coletivo acontece pelo fato de que “crew” denomina-se equipe ou grupo, sobretudo no âmbito da cultura Hip Hop, algo pontual, e geralmente visualizado nos demais grupos de dança existentes na cidade. É diferente de coletivo, em que a própria palavra já gera esse impacto, ultrapassando os interesses em comum (dança), que foi o que se tornou o Cara, um lugar para além de movimentações e ativismo, onde também havia escuta, acolhimento, afeto, coletividade nas ações e conexões, passando a ser denominado por Coletivo Cara.

O Coletivo Cara é um grupo de artistas profissionais que pesquisam e performam a partir da estética e da técnica das Danças Urbanas e do Vogue. Surgiu em 2014 no município de São Miguel dos Campos, interior de Alagoas, no Dynamus Espaço de Dança, na ocasião com a participação de alunos da turma de Jazz Dance, ministrado por Fênix Zion.

À vista disso, a ideia do coletivo é expressar questões e problemas, através da arte da dança, trazendo à tona questões sociais que perpassa a sociedade

---

<sup>9</sup> Sara Oliveira (Star Mother Diamond Muzi), natural de Alagoas, graduada em Dança pela Universidade Federal de Alagoas. Tem em suas principais experiências com dança o Jazz, Street Jazz, Hip-Hop e Vogue. Se aprofunda na Comunidade Ballroom desde 2018, tem o título de primeira estrela oficialmente reconhecida em Alagoas e Norte/Nordeste. Desenvolve uma pesquisa sobre a Comunidade Ballroom Alagoana e atua como educadora social nas periferias de Maceió.

<sup>10</sup> Antiga academia de dança na cidade de Maceió.

<sup>11</sup> Natural de Alagoas, artista da dança DRT/SP, trans não-binária intérprete-criadore, *performer*, fashionista, com formação no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas - UFAL e no curso técnico de produção de moda pela Escola Técnica de Artes - ETA/UFAL, com mais de 15 anos de carreira artística, estudou balé clássico, jazz dance, dança afro brasileira, frevo, dança moderna, técnicas contemporâneas de dança e danças urbanas com especialidade em Vogue.

<sup>12</sup> Houses são (estruturas familiares) que acolhem até hoje em sua maioria jovens LGBTQIAPN+ em estado de vulnerabilidade social.

<sup>13</sup> Influenciada pela cena drag queen em Nova Iorque e formada por pessoas LGBTTravesti/Trans, surge em meados dos anos 60 com a indignação de Crystal LaBeija (drag queen negra) que cria um concurso para black drag queens, a partir do desfile de beleza e traje.

contemporânea, problematizando-as e incorporando-as em suas manifestações, seja através de suas ações, movimentos e sonoridades. Com isso, há o intuito de quebrar paradigmas e romper com a desigualdade social, a discriminação de raça, gênero, sexualidade e soropositividade em Alagoas. Ainda durante a sua atuação no interior alagoano São Miguel dos Campos - AL, seu primeiro trabalho veio ao mundo em 2014, chamado Luxus, ele visava dialogar sobre o lado voltado para a ostentação em ambientes periféricos, trazendo através dos figurinos e musicalidade o lugar de onde a população negra habita mesmo que vivenciando em baixas condições socioeconômicas.



Figura 1: Mostra Miguelense de Dança, 2014.  
Fonte: Jônatas Medeiros, 2014.

Dancei pela primeira vez como integrante do grupo no Fórum Mestre Zumba, projeto de Extensão coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Nadir Nóbrega, realizado no Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore - MTB/UFAL, dançando a coreografia intitulada Pixaim. Esta coreografia teve como ponto de partida evidenciar a

perspectiva da estética do cabelo crespo, a autoaceitação, já trazendo à tona a pauta do racismo e os seus desdobramentos.



Figura 2: Fórum Mestre Zumba, 2016.  
Fonte: Bruno Ramos Web, 2016.

Depois de Pixaim, desenvolveu-se o projeto coreográfico intitulado Urbanestinos, que trazia como proposta a junção das palavras urbano, nordestinos, destinos, enfatizando a força de nossas raízes e desse ser nordestino urbanizado, que através da inquietação, sai em busca de novos destinos em ambientes multiculturais, enfrentando a xenofobia, que por sua vez afronta com disposição e coragem as adversidades.



Figura 3: Apresentação do Urbanestinos na Mostra Alagoana de Dança, no município de Delmiro Gouveia -AL.

Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Nesta fase, o grupo chegou a apresentar-se em eventos da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, na Bienal do Livro de Alagoas em 2017, na Mostra Alagoana de Dança de 2017, viajando para os interiores de Alagoas como Delmiro Gouveia - AL e Viçosa - AL. Em Maceió - AL, apresentou-se no Teatro Gustavo Leite e na Associação Comercial de Maceió, além de outros eventos independentes como o Hip Hop sem fronteiras na cidade de Pilar - AL.

Após o fim da coreografia Urbanestinos, enquanto coletivo e com a maioria de integrantes composta por discentes da graduação e técnico de dança, surge a necessidade de entrar de forma mais contundente no âmbito acadêmico. É quando o grupo se vincula à Universidade Federal de Alagoas - UFAL por meio de edital, no Programa de Iniciação Artística - PROINART em 2018.

Em parceria com o curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas, atuou nesse vínculo acadêmico até 2019, produzindo conhecimento em dança com perspectivas sociais. Importante acrescentar que o coletivo trilha por um segmento ativista, o que evidencia um diferencial à sua atuação artística.

O movimento Hip Hop tem a sua atuação significativa no que tange o enfrentamento ao preconceito e ao seu papel sociopolítico, mas ainda é um ambiente bastante excludente, que traz à tona o machismo e a LGBTfobia quando o assunto

são corpos femininas e LGBTQIAPN+<sup>14</sup> inseridos nessa cena. Levando-se em consideração eventos voltados para essa cultura e o que a maioria dos grupos de Danças Urbanas de Alagoas se propõem a desenvolver, pouco se discute sobre a contribuição feminina e principalmente LGBTQIAPN+, tornando assim a atuação do Cara imprescindível no âmbito das artes de forma a rastrear uma compreensão das pluralidades, em que o movimento do corpo e da dança vão muito além de técnicas específicas, pois trazem consigo vivências, (re)conhecimento e expressão da própria voz.

Pouco antes da crise sanitária que afetou o Brasil e o mundo, através da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), os integrantes costumavam-se reunir semanalmente no Espaço Cultural da UFAL, como um grupo de estudos para proposição de práticas mobilizadoras de questões relacionadas à dança, ao corpo e às problemáticas da sociedade contemporânea, tais como: desigualdade social, discriminação de raça, gênero e sexualidade.

Com o Coletivo pude me engajar mais de perto e tomar conhecimento das pautas que o grupo discutia, contribuindo na minha formação pessoal e profissional, possibilitando compreender a transgressão do meu corpo a partir da dança e das técnicas aprendidas ao longo do tempo.

A partir do Coletivo passo a conhecer e a compreender melhor a premissa dos movimentos sociais, como por exemplo, o movimento feminista. Mesmo com a ênfase maior do coletivo voltada para o feminismo negro, conseguiu ser um ponto de partida para o conhecimento das demais vertentes, o qual coincidentemente me fez despertar para as questões de abusos das relações afetivas que sofri e as suas permissividades e problemáticas que as acompanhavam, além da minha relevância a partir do meu lugar de existência enquanto corpo política ao transitar nessa sociedade e como poderia tomar esse lugar colaborativo.

Passei a frequentar como aluna as aulas de técnicas de dança de Street Jazz, Hip Hop e todas as técnicas voltadas para estética urbana que foi o que me familiarizou de imediato. Em seguida, passei a conhecer e a vivenciar a dança Vogue e a comunidade Ballroom, que também é uma estética com a qual meu corpo se familiarizou imediatamente e que passei a me debruçar.

---

<sup>14</sup> Sigla que abrange pessoas Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais, Arromânticas, Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

Todos os sábados das 8h às 12h da manhã estávamos na “sala do espelho” ou formalmente sala “corpo 1” do Espaço Cultural Salomão de Barros Lima. O Espaço Cultural é um equipamento cultural da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, onde se ofertavam os cursos de Artes, tais como as graduações em: Dança, Teatro e Música, antes de migrarem para o Campus A.C. Simões da UFAL, além disso oferta cursos de língua estrangeira por meio da Casa de Cultura, em parceria com o Instituto de Letras da mesma instituição e para finalizar é onde está localizada a Escola Técnica de Artes - ETA, que oferta os cursos de nível técnico, como: Dança, Arte Dramática, Música e Produção de Moda.

### **1.2.1 PROINART e Coletivo Cara - Diálogo entre a Universidade e a Comunidade**

O Programa de Iniciação Artística - PROINART tem o intuito de promover a pesquisa, a criação, a produção e a difusão das artes através da Pró-Reitoria de Extensão - PROEX da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. O projeto Vez e Voz: criação a partir da dança e moda urbana pelo Coletivo Cara dialoga com os ideais do Coletivo Cara que tinha no âmago as mesmas propostas de pesquisar, refletir e produzir diálogos interdisciplinares entre arte, movimento e sociedade.

De acordo com os objetivos do edital, sua proposta se baseia em estimular a atuação de estudantes, professores e técnico-administrativos a desenvolverem projetos artístico-culturais que tenham um produto final voltado ao público em geral com exposições ou apresentações de artes visuais, espetáculos musicais e cênicos, exibição de filmes e/ou videoinstalações, leituras dramatizada de textos, entre outros, propondo também o incentivo para a formação de grupos/coletivos artísticos em suas mais diferentes formas de expressão, valorizando a expressão artística como uma ação cultural fundamental para a formação acadêmica, profissional, humanística e cidadã das pessoas e instituir uma programação cultural permanente na universidade, garantindo à comunidade acadêmica e aos demais segmentos de público o direito à fruição de produções artístico-culturais, visando contribuir com as Diretrizes e Bases da Educação Superior e o Plano Nacional de Cultura (BNCC).

O edital foi lançado em 16/03/2018 e teve seu resultado publicado em 02/05/2018 com a aprovação de 36 projetos, alguns direcionados para a dança, outros para o teatro e música, dentre eles o Vez e Voz: criação a partir da dança e moda urbana pelo Coletivo Cara. Havia no projeto alunos bolsistas e voluntários que



tinham como objetivo desenvolver ações voltadas para o artístico e o produto resultaria em um material escrito juntamente à performance. Dessa forma, para o coletivo foram ofertadas quatro bolsas e a possibilidade de abertura para dois voluntários. O projeto foi escrito e elaborado por Sara de Oliveira enquanto líder do grupo. Os respectivos objetivos visavam montar uma performance voltada para a Dança e Moda Urbana criado a partir da ênfase no estudo das Danças Urbanas por meio das atividades compartilhadas como aulas práticas tanto abertas ao público quanto com membros do projeto, incentivando o aperfeiçoamento da técnica de dança em questão e o contato com a comunidade.

Os temas a serem desenvolvidos, no geral, foram pensados partindo da própria existência daqueles que integravam o coletivo, levando em conta a identidade de cada integrante que acaba também sendo alvo da sociedade em termos de LGBTfobia, racismo, sorofobia<sup>15</sup>, machismo e opressão dessa natureza, que refletem totalmente em diversos corpos, corpos e corpus que vivenciam na pele e partilham da mesma indignação.

### **1.2.2 Reverberações da Experiência no Vez e Voz**

Aproveito para construir análises que partem da minha própria percepção de uma corpa que mergulhou nos processos corporais do Vez e Voz, nesse momento refletidos pós vivência. Tomo a liberdade para dividir essas etapas em quatro palavras-chave que surgem de acordo com as fases de criação que me atravessavam: Memória, Maturidade, Sensibilidade e Responsabilidade.

Memória: Se apresenta referindo-se à constância de acessar aquilo que lá atrás no passado nos deixaram marcas, independentemente das fases, sejam elas na infância, adolescência ou fase adulta, ainda que de maneira positiva para impulsionar a criação nas partes de afeto, como também as memórias negativas para os momentos de revolta, denúncias, tendo em vista que se tratavam de corpos que possuem reminiscências corporais históricas e afetivas (aqui, me detenho às experiências individuais de todos do grupo antes e durante o projeto).

---

<sup>15</sup> Nome dado para referir-se ao estigma, preconceito ou discriminação destinada a pessoas que vivem com HIV (vírus da imunodeficiência humana). De acordo com a lei 12.984/2014 esse tipo de conduta é considerada crime.

**Maturidade:** Na percepção de que foi muito exigido do psicoemocional e corporal, partindo do pressuposto de que as opressões são como feridas, com base nisso, é válido destacar que semanalmente essas feridas acabavam sendo (re) abertas nas discussões e reflexões do grupo, tanto que grande parte da performance se refere a temática da opressão de diversas naturezas como as sociais e de gênero.

**Sensibilidade:** Depreende-se que não houve a intenção de tratar apenas das feridas, mas também foi importante pensar na cura, sobretudo, ao abordar a afetividade e o cuidado entre os nossos em uma das cenas, por isso foi importante compreender os momentos de pausas para recuar e repensar nas discussões teóricas que serviram de pano de fundo desse(a) projeto/pesquisa levantadas e estabelecidas no/pelo coletivo, e nas práticas corporais que fizeram parte de todo o processo, levando em consideração as etapas do experimento, refletindo se seriam ou não potentes.

E por fim a Responsabilidade, principalmente para conduzir o segmento das pautas trabalhadas com base na temática da performance, que acabaram sendo vivenciadas corporalmente no processo, trazendo à tona potencialidades corporais a partir da dança, que me atravessavam individualmente, transferindo essas inquietações no corpo e logo em seguida para as cenas que foram se fundamentando.

## 2. A Cara da Performance Vez e Voz



Figura 4: Logo do projeto Vez e Voz, 2018.  
Fonte: Projeto Proinart. Criação Sabrina Sena, 2019.

O projeto Vez e Voz: criação a partir da dança e moda urbana pelo Coletivo Cara surge dos interesses do Coletivo Cara, formado por alunos e artistas do Curso

de Licenciatura em Dança e Técnico em Dança, alinhando as reflexões de pesquisas acadêmicas à produção artística, tendo como fundamentos basilares: as Danças Urbanas, a Moda Urbana e o Diálogo com problemáticas sociais vivenciadas no cotidiano.

É importante elucidar que o projeto, por mais que tenha entrelaçado moda urbana com a dança, para o desenvolvimento deste trabalho, e principalmente dos capítulos em diante, o foco é discorrer apenas no que diz respeito à dança.

Essas vivências corporais da performance deram-se pelos integrantes do coletivo, sendo eles: Sara Oliveira, Rayane Pereira, Vandekson Simplicio<sup>16</sup>, Fabiano Araújo<sup>17</sup>, Daniel Lanças<sup>18</sup> e Thales Ribeiro<sup>19</sup>.

O Vez e Voz contava com 12 cenas: O primeiro momento abriu-se com a recitação de uma poesia da Amanda Duarte, poetisa, militante e estudante de Letras da Universidade Federal de Alagoas; em seguida, realizou-se um solo amparado na técnica de dança Breaking, interpretado por Vandekson Simplicio; na terceira cena, o coletivo utiliza como norte a técnica do Krump<sup>20</sup>; na quarta cena, um integrante sentado numa cadeira tenta sair da mesma, e os demais integrantes permanecem de pé, impedindo ao máximo essa fuga; a quinta cena trata de uma recitação de trechos da música “Ouça-me”<sup>21</sup> da Rapper Tássia Reis, interpretada pela Sara Oliveira; a sexta cena é realizada a partir de troca de afetos; a sétima cena é a interpretação de um áudio com testemunho de um integrante do coletivo sobre a descoberta do seu diagnóstico ao testar positivo para HIV; a oitava cena é realizada por todos do coletivo numa sequência com a técnica da dança Vogue, exceto Vandekson; a nona cena é o duo/solo de agressões protagonizadas por Vandekson e eu, transicionando para o solo interpretado por mim ao qual me detenho neste trabalho; a décima primeira cena é o solo/duo interpretado por Sara e Vandekson, finalizando com todos os

---

<sup>16</sup> Artista da dança, finalizando a graduação no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas, performa e estuda a partir da técnica do breaking dance.

<sup>17</sup> Intérprete criador, formado pela escola de teatro e dança da Universidade Federal do Pará - ETDUFPA. 2011. Atualmente cursando licenciatura em dança na Universidade Federal de Alagoas, suas linhas de pesquisa se dão a partir da dança de salão.

<sup>18</sup> Dançarino, estuda balé clássico e danças urbanas com ênfase na estética do *Femme Syle*.

<sup>19</sup> Graduando no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas, tem as suas pesquisas voltadas a partir das danças populares.

<sup>20</sup> O Krump ou Krumping é um estilo de dança inserido no universo da cultura Hip-hop, surgiu em Los Angeles por volta dos anos 90, suas características são movimentos expandidos com contrações e força. Conhecidos como: (*jabs, snatch, arms swing, chester e stomp*).

<sup>21</sup> <https://m.youtube.com/watch?v=7cVZ-Rur9uY&pp=ygUUdGFzc2lhlHJlaXMgb3XDp2EgbWU%3D>  
Acesso em: 12/06/2023

integrantes, tendo como sonoridade de fundo a voz da poetisa Naruna recitando sua poesia chamada “A paz”<sup>22</sup>.

A maioria das cenas foram criadas por Fênix e Sara, os solos dançados como o meu, do Vandekson e da Sara ficaram sob liberdade de cada um criar o seu. Os critérios de criação também foram direcionados às disponibilidades corporais individuais de cada um a partir da estética de dança de cada componente.

A motivação para o duo se deu pelo fato de que a premissa do Vez e Voz era propor as denúncias e evidenciar questões que perpassam constantemente a sociedade, como: desigualdade social, negritudes, soropositividade, questões LGBTQIAPN+ e feminismo.

As atribuições de temas, criação, ensaios, preparação corporal e discussões aconteceram todos os sábados das 8h às 12h, utilizando práticas corporais, mas também com trabalho de voz através de textos norteadores que fomentaram discussões, reflexões e movimentações de corpo, como por exemplo, Djamila Ribeiro que é uma intelectual pesquisadora, filósofa e tem um livro sobre o que é lugar de fala.

Outra fase importante do processo criativo foi a escolha de um elemento cênico para a construção de algumas cenas, é quando utilizamos uma cadeira como provocação de movimento para atingir um lugar de ocupação e fala.

A escolha deste objeto partiu do pressuposto do próprio nome da performance Vez e Voz: ao sentar-se na cadeira faz-se alusão à fala, ao apoderamento do espaço e ao protagonismo.

Há o momento em que essa mesma cadeira toma uma nova conotação, me refiro especificamente à quarta cena em que é executado um exercício de impedimento ao querer levantar e sair dessa cadeira. Contextualizando, uma pessoa permanece sentada enquanto os demais integrantes ainda de pé tentam impedir a ação de fuga de quem está na cadeira, virando uma barreira humana para quem está na cadeira, virando uma luta corporal entre os envolvidos. Simultâneo a esse processo, vai havendo um revezamento na cadeira fazendo com que mais de um corpo experimente esse sufocamento de pessoas impedindo a fuga. E assim segue

---

<sup>22</sup> <https://m.youtube.com/watch?v=XDK64q-H0X0&pp=ygUMTmFydW5hIGEGcGF6>  
Acesso em: 12/06/2023

a dinâmica, que por sua vez busca denunciar estruturas opressoras que tentam de todas as formas silenciar e oprimir esses corpos que transacionam na cadeira.

Por sua vez, essa mesma cadeira acabou sendo aproveitada como ponto de partida para o desenvolvimento do meu solo.



Figura 5: Cena 4 - Registro da descrição anterior da cena em coletivo na cadeira.  
Fonte: Instagram. Fotografia: Fernando, 2019.

## 2.1 Processo criativo, práticas e metodologias para a construção de vez e voz

Logo após o experimento com a cadeira, um outro período que foi bastante crucial nesse processo de criação do Vez e Voz foram as inquietações a partir do período político caótico que se viveu nas eleições presidenciais de 2018 com o ato #ELENÃO<sup>23</sup>, porventura o Coletivo Cara esteve presente nas manifestações, além de ser convidado para se apresentar para o público como uma das intervenções artísticas que aconteceram no palco do Posto 7, localizado na orla da Jatiúca de Maceió - AL, o que intensificou ainda mais nosso laboratório de criação corporal que coincidentemente estava em trânsito, trazendo para nós do coletivo reverberações sobre ecoar nossa voz no mundo ao transitar nesses e demais espaços enquanto corpo e sociedade.

---

<sup>23</sup> Manifesto em repúdio ao candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro durante as eleições de 2018. <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/29/mulheres-lideram-atos-contra-bolsonaro-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 12/06/2023



Figura 6: Apresentação do Coletivo Cara na manifestação do ato #ELENÃO, ocorrido na orla da Jatiúca, Maceió - AL, no período das eleições presidenciais, em 29/09/2018.

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Outro fator importante que movimentou a criação foi a intitulada caverna, espaço escolhido para a culminância do projeto artístico, que por um grande tempo foi tido como um lugar renegado e não tão utilizado.

A caverna trata-se de um ambiente que faz transição com a sala 24 e o térreo do Espaço Cultural, juntamente com acesso facilitado à Escola Técnica de Artes. Por um bom período foi um ambiente onde ficavam vários objetos não mais utilizados, como: sofá velho, cadeiras quebradas, e alguns mantimentos de não uso.

Posteriormente foram removidos esses objetos e as pessoas começaram habitar aquele espaço, como por exemplo no ano de 2017 quando ocorreu uma oficina de grafite pelo Universidança (Semana acadêmica do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal de Alagoas), ministrada por Joe Santos<sup>24</sup> e as paredes da caverna foram utilizadas para os alunos da oficina praticarem as técnicas do grafite, e assim a caverna foi ganhando cor e vida com as pinturas executadas

<sup>24</sup> Artista, atua no campo das artes visuais elaborando pinturas e grafite. Vários de seus trabalhos estão espalhados por pontos de Maceió.

pelos alunos da oficina. Na minha visão de estudante foi a partir daí que a caverna se tornou um lugar visível pelos discentes.

Para nós do coletivo ganhou potência cênica pois se tornou um local de bastante significado, tendo em vista que foi também um ambiente que o coletivo em muitos momentos partilhou de treinos abertos, ensaios, momentos de afetos coletivos como refeições em grupo e discussões importantes para instigar não só a criação em grupo, mas também o fortalecimento pessoal.

A partir desse lugar de aproveitamento de espaços antes não tão validados, trago como aporte o pensamento de Britto e Jaques (2008), destacando que:

Novos espaços públicos contemporâneos, cada vez mais privatizados ou não apropriados pelos habitantes nos levam a repensar, então, as relações entre urbanismo e corpo, entre o corpo humano e o corpo do cidadão. A cidade, portanto, não só deixa de ser cenário quando é praticada mas, mais do que isso, ela ganha corpo, e tornando-se “outro” corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pode surgir uma outra forma de apreensão urbana, e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea (BRITTO E JACQUES. 2008. p 80 e 81).

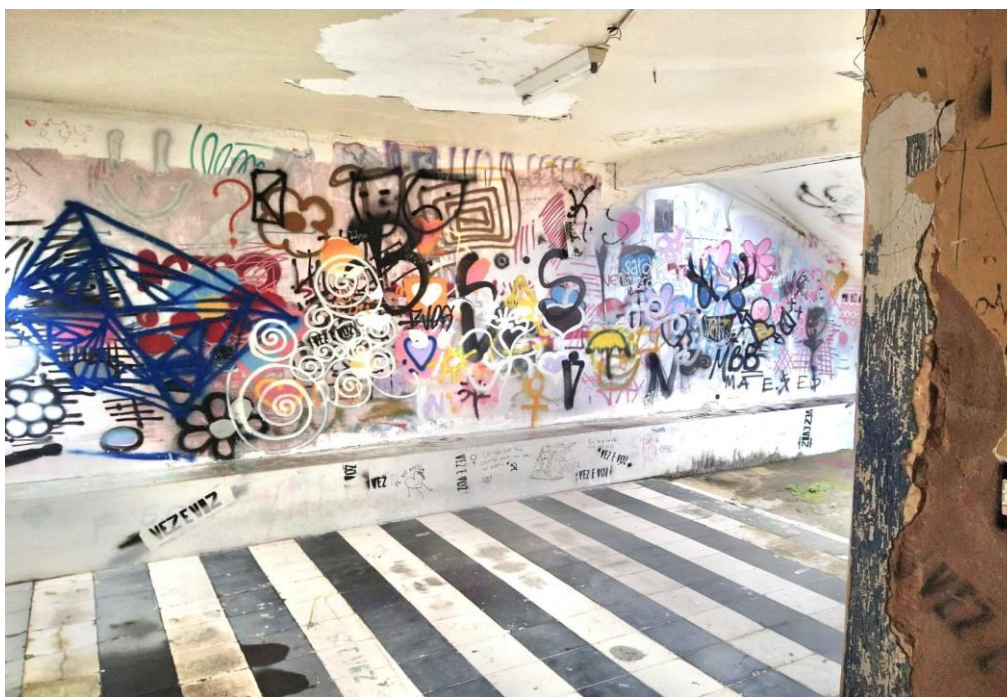


Figura 7: A caverna  
Fonte: Alan Cardoso, 2023.

É importante mencionar um momento importante do processo, que foi a fase de desligamento de alguns integrantes do projeto. Esses desligamentos tiveram a sua

importância, pois o Coletivo desde sempre habita esse lugar de exercício da honestidade com os processos individuais, permitindo que, uma vez que as coisas não estejam fazendo mais sentido, estivessem abertos para esse diálogo, independente das circunstâncias, permitindo que essa pessoa possa seguir os próprios caminhos.

Por outro lado, é também um ambiente de autonomia para a vida futura, em que o intuito desde o princípio sempre foi voltado para a consciência e a compreensão da necessidade dessas vivências afetivas, coletivas e de profissionalização, que nunca nos deixássemos por esquecido, que seguir caminhos também faz parte da nossa jornada.

A chegada de novos integrantes e novos corpos instigou novas formações espaciais e proporcionou novas reflexões e direcionamentos cênicos, seja na formação de pessoas em cenas específicas, seja na criação de cenas e na substituição de corpos.

Os figurinos foram pensados a partir da iniciativa de Fênix que, na época, estava finalizando o curso técnico de produção de moda pela ETA. Propondo-nos a utilizarmos da sustentabilidade, reaproveitando peças de roupas, todos nós tivemos a tarefa de procurar peças pretas nos nossos guarda-roupas para que juntos conseguíssemos compartilhar entre nós os achados e realizar a elaboração dos figurinos. Foi utilizada a técnica Dripping, muito utilizada na moda AfroPunk.

Com a ajuda de tinta branca e um pincel, posicionamos a peça no chão e com o pincel já com tinta fazemos movimento de chicotear com as mãos, as gotas de tinta vão por si só dando um efeito de respingos à peça.

Na fase final da performance / espetáculo, além dos últimos ajustes enquanto limpeza de movimento, a prova de figurino e ensaios gerais, houve um momento em que convidamos outros profissionais da dança e do teatro para assistirem a um dos ensaios gerais e fazerem considerações pertinentes e importantes como colaboradores.

Uma dessas pessoas é o Alan Cardoso, ator, técnico pela Escola Técnica de Artes – ETA, graduado no curso de teatro da Universidade Federal de Alagoas, pós-graduando em arte e sociedade e que também se fez presente na produção, ficando responsável pela iluminação, durante a estreia do Vez e Voz.



Outra figura é a Joelma Ferreira, professora de Artes da SEDUC/AL, dançarina e integrante da companhia de dança Cia dos pés<sup>25</sup>.

A escolha dessas pessoas partiu através da facilidade de acessá-las e pela atuação no campo performático, que era o que estávamos nos dispendo a produzir naquele momento.

As suas considerações tiveram as suas contribuições, em especial, Alan Cardoso que também se fez presente na preparação corporal para a cena de agressões do duo composto por mim e Vandekson. Trazendo a partir de suas leituras o que poderíamos aguçar ainda mais o olhar, nos proporcionando enquanto pessoas que estão em cena a absorção dessas visões e questionamentos para tornar ainda mais potente o nosso trabalho, seja individualmente ou em coletivo.

### **2.1.1 - Cena 10 - O processo de criação artística da cena com a cadeira**

Entrando especificamente na minha parte, assim como outras cenas, o intuito era trazer à tona problemáticas que perpassam a nossa sociedade. A proposta de trazer como denúncia na primeira parte da criação foi a pauta da violência doméstica, partindo de minhas vivências de opressão enquanto corpo feminino agora ressignificadas...

Vivenciei desde criança um ambiente abusivo/violento por parte do meu pai sob efeito de álcool. Já na adolescência vieram os relacionamentos afetivos abusivos, em que acabava me submetendo por achar que aquilo era “normal”.

Nunca passei por nenhuma violência física como é trazida à tona na performance, porém já vivenciei a psicológica e a sexual, às quais são tão legítimas e deixam danos a longo prazo na pessoa que vivencia, sendo dessa forma ressignificadas tornando-se em matéria de criação artística para a elaboração dessa parte mais inquietante da minha atuação. O fato de me deixar à frente dessa cena acabou tomando um lugar muito significativo para mim, pois ele é dividido em duas partes.

A primeira parte corresponde a um duo que se inicia com a representação de um casal. Compartilho esta cena com Vandekson Simplício, sendo ele o

---

<sup>25</sup> Companhia de dança natural de Maceió - AL que atua desde o ano 2000 com foco no trabalho partindo das danças tradicionais e populares do país, aliado ao sistema Laban e técnicas somáticas.

representante das agressões e insultos, de forma cênica, assume esse papel de agressor, enquanto a minha figura representa a vítima.

Assim como todas as cenas tiveram seus ensaios, em dupla, nós dois estudamos corporalmente os direcionamentos das agressões e durante cada ensaio íamos alinhando as energias, o que ficou acordado da cena ocorrer durante a descida das escadas que inicia na saída da sala 24 sentido à caverna, criando um itinerário de início e fim das cena de agressões, pensando no espaço, fazendo com que a gente se aproveitasse de todo aquele ambiente onde encerra uma cena em um lado e começa outra cena em outro.



Figura 8: Registro da escada em que foi realizado o duo contendo as agressões.  
Fonte: Alan Cardoso, 2023.

Como sonoplastia desse momento, foi utilizado um compilado de áudios<sup>26</sup> de relatos reais de ligações feitas por mulheres pedindo ajuda ao serem agredidas, vítimas de violência doméstica, material que foi divulgado pela Polícia Militar de Santa Catarina no ano de 2017 durante uma campanha do dia da mulher.

A escolha da figura do Vandekson não é por acaso, se dá por ele ser um homem heterossexual e assim fazer essa associação com as agressões e violências,

---

<sup>26</sup> Áudios de vítimas de violência doméstica publicados pela Polícia Militar de Santa Catarina  
Acesso em: 12/06/2023

pois a grande maioria desses tipos de abusos aparecem cotidianamente em relacionamentos heterossexuais.

Como disse anteriormente, nunca passei por violência doméstica, porém, para além do que foi fruto de experiências pessoais, senti a necessidade de trazer essa pauta para a cena pensando com um olhar interseccional do que perpassa a sociedade levando em consideração jornadas de mulheres que passaram, passam e estão passando nesse exato momento e que por algum motivo silenciam-se ou são silenciadas no decorrer da vida.

Quando falo sobre serem silenciadas no decorrer da vida, é basicamente fazendo uma análise sobre ações que nos negligenciam, como, por exemplo, quando ainda criança, somos ensinadas a não falar alto ou simplesmente não expressar o que realmente sentimos ou queremos para não desagradar o outro, quando as nossas opiniões são taxadas como irrelevantes, quando nos ditam um modelo de ações e padrões para serem seguidos ditos como ideais, quando em muitos momentos os nossos gostos e vontades e opiniões são deixados para segundo plano, ou pior, quando a própria estrutura social em si acaba sendo esse agente silenciador tudo isso acaba tornando-se mecanismos de contribuição e construção no lapidar desse silenciamento.

Não posso esquecer-me de destacar o quanto foi nítido o desconforto e ao mesmo tempo a passividade por parte dos espectadores ao presenciar esse primeiro momento, o que particularmente, no pós performance consigo fazer também essa reflexão de como podemos associar aquele momento em que as pessoas assistem e presenciam uma cena de agressão e simplesmente apenas observam, com condutas da vida real em que na maioria das vezes acontece a mesma inércia por parte de quem está no entorno.

Logo após esse primeiro momento, a cena ganha uma nova potência, dessa vez voltada para essa figura feminina que se desprende dessas amarras, nesse momento adiante, transforma-se em um solo que é dançado todo em cima dos escritos de Djamila Ribeiro (2017) encontrados na música do grupo Rimas e Melodias - Manifesto / 2017 uma fala que irá dialogar sobre libertação e rompimento dos silêncios.

Destaco as palavras da Djamilá que foram performadas:

“Romper silêncios é o primeiro passo para a cura,  
quanto tempo você não escuta o som da própria voz?  
Por medo de incomodar a gente cala a justiça, mas dá pra promover mudanças no conforto?  
Assumimos, então, que trazemos narrativas de encontro, queremos que nossas palavras cortem como navalha a sua indiferença, deixe sua consciência intranquila, cause conflitos e tempestades.  
Eparrei!  
Desconforto é incômodo necessário  
O som das nossas rimas vai perturbar o teu sono  
Desestabilizar a sua calma  
E ao mesmo tempo mostrar a nós a força da quebra  
A felicidade de se auto definir  
Sim, vou olhar para mim  
E desta vez vou gostar do que eu vejo  
E direi para mim o quanto eu sou incrível  
Vou falar, gritar e me emocionar quando enxergar Dandara em mim.  
E essa voz vai ser coletiva, vai ultrapassar fronteiras, tirar a venda dos meus olhos.  
Conceição Evaristo um dia disse: Nossa voz estilhaça a máscara do silêncio  
Então fale, destranque, deságue  
Dá medo, eu sei, mas fale  
Às vezes a gente acha que o muro é muito alto  
Mas pule, garota!  
Você não vai nem arranhar os joelhos.”

Trecho da música “Manifesto/Pule, Garota”.  
Do grupo Rimas e Melodias

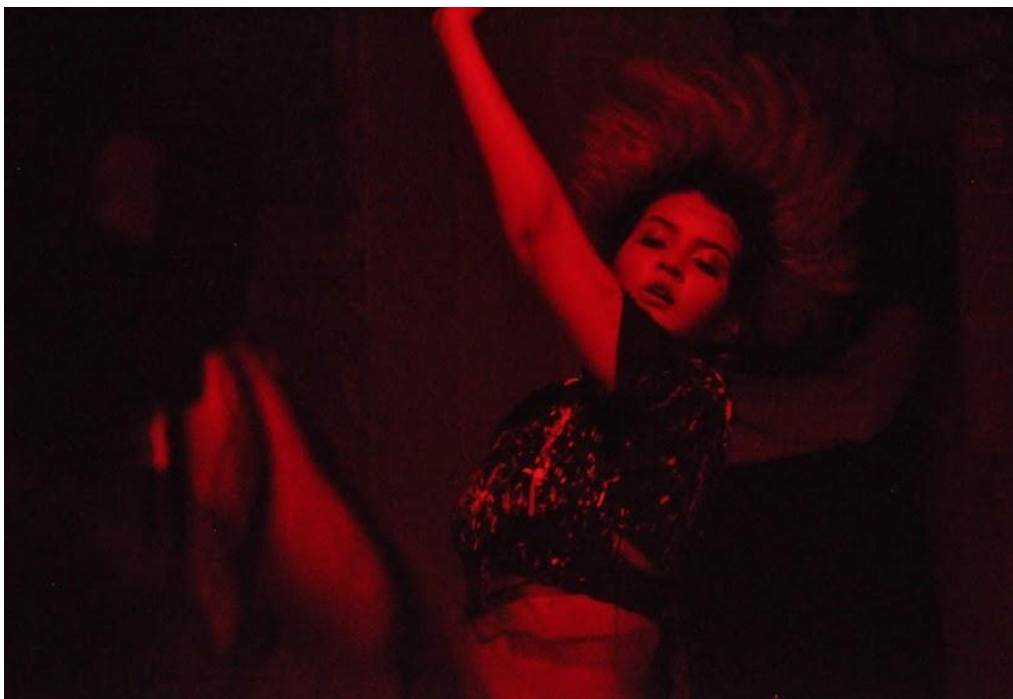


Figura 9: Registro do solo descrito anteriormente.  
Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia: Yan Carlos, 2019.

Nesse momento existe uma transição cênica, o que era um duo inicialmente, agora se transforma em solo dando continuidade à cena agora trazendo a figura de uma mulher que quebrou os silêncios, se reconheceu diante de suas potencialidades e não é mais submissa como antes.

E é nesse ponto em que o solo fica cara a cara com as minhas vivências só que agora transformadas em dança. Individualmente falando, consigo enxergar dentro de mim esse momento de redescoberta enquanto mulher, em que a proposta foi usar isso como objeto norteador para a construção das movimentações contidas durante esse momento da performance.

Nessa parte do solo busco me firmar em uma percepção voltada para o feminismo, o que para mim, conhecer melhor sobre essas pautas passando a compreender o meu papel enquanto corpo político na sociedade assumiu um momento marcante na minha jornada pessoal e artística.

O que me motiva a relacionar dança, performance e feminismo, é levantar a discussão para questões que percorrem as estruturas sociais que compõem o corpo feminino buscando disseminar diálogos feministas a partir do meu lugar de fala e contribuir na facilitação de saberes sobre a temática com um foco nas corpos que não despertaram visões de mundo para essas pautas sociais, assim como um dia me vi,

e juntamente a isso também promover pelo viés da dança ações artísticas com foco nesse lugar de práticas de reeducação social.

Trazendo a percepção para as questões trabalhadas /estudadas /pesquisadas /experimentadas no duo/solo e as suas formas de gerar pedagogias de criação em dança, elenca-se 4 pilares importantes na criação da cena de agressões:

- Ações
- Itinerário
- Repetição
- Vocal

Alinhamos pensar em movimentos que causam maior impacto corporal, como por exemplo a queda, como também a ação de empurrar e puxar, o que visualmente se transforma em uma luta corporal.

Em seguida, focamos em criar um itinerário (início e fim) realizando essas ações e a escada nos proporcionou isso. Logo após, repetir várias vezes, como estratégia de melhor entender a execução dos movimentos como também de ir adaptando o corpo na cena, seja na forma de cair, na forma de empurrar e assim por diante. E por último, e não menos importante, a inserção da voz nesse processo com o exercício de gritar, pedir socorro, xingar, esbravejar.

### **Considerações finais**

A ideia da elaboração do solo a partir das minhas experiências foi, justamente, trazer à tona essa reconstrução enquanto uma corpa que, a partir de uma análise de si, aliada a vivências individuais e coletivas, obteve a oportunidade de reedificar as visões de mundo sobre as questões que a atravessam. Em conjunto a essas sensações, traz consigo os anseios de querer propagar essas concepções para o mundo a partir da minha perspectiva, rastreando esse caminho de uma potencial agente transmissora de conhecimento.

Sobre as peculiares percepções, o Coletivo Cara assumiu um lugar (re) educandário nos desdobramentos que tangem os marcadores sociais, na minha redescoberta enquanto mulher e nos ensejos de profissionalização. O duo/solo do Vez e Voz: criação a partir da dança e moda urbana pelo Coletivo Cara veio como

oportunidade de estar trazendo à tona uma pauta atemporal juntamente aos demais segmentos de temas que foram abordados nas respectivas cenas.

É considerável focalizar que o desenvolvimento do duo/solo trazendo essa abordagem foi imprescindível o exercício íntimo de unir todas essas mulheres dentro de mim, cada uma com suas necessidades e demandas, sejam elas cis ou trans, que mesmo estando ciente das nossas jornadas subjetivas, no mais a essência foi abraçá-las e ecoar suas vozes junto a minha. Além disso, tento reforçar o olhar a partir de percepções que, para além de se falar de corpos femininos, precisamos ter um olhar também diante da estrutura que o compõe.

A importância desta pesquisa para a dança e para o âmbito acadêmico também se promove ao evidenciar o Coletivo Cara como ferramenta de cunho não só artístico e político, mas também educacional e profissionalizante, no qual através das pontes que são estabelecidas entre academia e comunidade, encoraja, norteia e aprimora conhecimentos não só em dança como também de sociedade.

Realizar esta pesquisa é lançar para o universo e entregar para a academia os frutos de uma andança artística que exprimem até os dias atuais o meu modo de me colocar no mundo e concluir este ciclo é um misto de reverberações, mas que brevemente se resumem em se transportar para o ano de 2016, olhar para aquela menina de 18 anos recém-chegada em solo alagoano, abraçá-la e dizer: **CONSEGUIMOS!**

## Referências Bibliográficas

### Citadas:

**Afrika Bambaataa, entre as gangues e a cultura Hip-Hop.** Primeiros Negros. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/afrika-bambaataa/>. Acesso em: 19/09/2023

**Biografia limão com mel.** Som 13. Disponível em: <https://m.som13.com.br/limao-com-mel/biografia>. Acesso em 19/09/2023.

**Biografia.** Batista Lima. Disponível em: <https://www.batistalimaoficial.com.br/biografia>. Acesso em: 19/09:2023.

**Boogaloo Sam biography.** Society Dance Academy, 2018. Disponível em: <https://www.societydanceacademy.com/boogaloo-sam>. Acesso em: 19/09/2023.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. **Cenografias e corpografias urbanas: Um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade.** *Cadernos PPG-AU/UFBA*, [S. l.], v. 7, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>. Acesso em: 22/09/2023.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: Criação de um tempo-espaço de experimentação.** São Paulo: Editora perspectiva, 2002.

**Companhia dos pés.** São Paulo companhia de Dança. Disponível em: <https://spcd.com.br/verbete/companhia-dos-pes/>. Acesso em 19/09/2023.

DANTAS, Mônica Fagundes. **Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: Etnografia, autoetnografia e estudos em dança.** *Urdimento*, v.2, n.27, p.168-183, Dezembro 2016. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/873>. Acesso em: 22/09/2023.

FORTIN; TRAD. HELENA MELLO, S. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística.** *Cena*, [S. l.], n. 7, p. 77, 2010. DOI: 10.22456/2236-3254.11961. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961>. Acesso em: 10 set. 2023.

**Grupo de xaxado cabras de Lampião** Museu do cangaço, 2023. Disponível em: <https://museudocangaco.com.br/xaxado/>. Acesso em: 19/09/2023



GUZZO, M. S. L & SPINK, M. J. P. **Arte, dança e política(s)**. São Paulo: Psicologia e Sociedade, 2015.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola** Departamento de Metodologia de Ensino - Faculdade de Educação - UNICAMP - São Paulo. **Motriz**, p. 20-28, vol.3, Junho,1997.

SILVA, Amanda Camylla Pereira; **Xaxado: A construção da identidade e da memória social do cangaço**. Anais do III congresso internacional de história. UFG/Jataí: História e diversidade cultural, 2012.

SOUZA, Karl Marx Santos. **Museu do cangaço de Serra Talhada: Um caso de empreendedorismo cultural no sertão do pajeú**. p.16-38. IN: **Ibercultura Viva - Ideas de culturas comunitaria: trabajos seleccionados en la convocatoria de textos Ibercultura Viva 2016/ Secretaria de Cultura Ciudadana - Medellín: Alcadía; Silabas Editorea, 2019.**

TORRES, Laís Crozera. **Danças urbanas no Brasil: Relatos de uma história**. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Departamento de Educação Física, Bauru, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/124231?locale-attribute=en>. Acesso em: 22/09/2023.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. de Dias, Jamille Pinheiro; Camargo, Raquel. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

### **Consultadas:**

ALVES, César. **Pergunte a quem conhece: Thaíde**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2004.

FURIOSA. **O que são as ondas do feminismo? QG Feminista**, 2018. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>. Acesso em: 20/07/2023.

SILVEIRA, Amanda Santos. **Poéticas negras no encontro da dança com a antropologia (e vice-versa): Relato de uma artista-pesquisadora sobre o saber-fazer etnográfico**. **Prelúdios**, Salvador, v. 10, n. 11, p. 161-183, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistapreludios/article/view/37168>. Acesso em: 22/09/2023

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVEIRA, Amanda Santos. **Poéticas negras no encontro da dança com a antropologia (e vice-versa): Relato de uma artista-pesquisadora sobre o saber-fazer etnográfico.** *Prelúdios*, Salvador, v. 10, n. 11, p. 161-183, jan./jun. 2021.

Disponível

em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistapreludios/article/view/37168>

Acesso em: 22/09/2023

VALDERRAMAS, Caroline G. M; HUNGER, Dagmar. **Origens históricas do Street Dance.** *Revista Digital - Buenos Aires - Ano11 - N° 104 - janeiro de 2007.*  
<http://www.efdeportes.com/>